

MARCAS DA ENUNCIÇÃO: UMA ANÁLISE EM TEXTOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DESTINADOS AO PÚBLICO INFANTIL

MARKS OF ENUNCIATION: AN ANALYSIS IN SCIENTIFIC DIVULGATION TEXTS FOR THE CHILD PUBLIC

Paulo da Silva Lima¹
Doutor em Letras (Estudos Linguísticos)
Universidade Presbiteriana Mackenzie- UMP
(paulodasilvalima@yahoo.com.br)

Maria Elizete Melo de Oliveira²
Graduada em Letras/Inglês
Universidade Estadual do Maranhão –UEMA
(elyzmello49@gmail.com)

RESUMO: Este artigo trata sobre as marcas da enunciação em textos escritos destinados ao público infantil. Tem como objetivo identificar as marcas da enunciação presentes em textos de divulgação científica destinados ao público infantil, por meio dos mecanismos de embreagem e debreagem actancial. Para isso, serão analisados os mecanismos de embreagem e debreagem actancial que se instalam no enunciado produzindo efeitos de sentido e proximidade entre os interlocutores. Para tanto, esse trabalho está ancorado nas ideias de pesquisadores como Greimas e Courtés (1979), Benveniste (1998), Fiorin (2016) e Hilgert (2011). Os resultados sinalizam que as marcas enunciativas e as expressões linguísticas próprias da oralidade utilizadas intencionalmente pelo enunciador têm o intuito de persuadir o enunciatário e de aproximar os interlocutores como se estivessem em uma interação face a face.

Palavras-chave: Enunciação. Debreagem. Embreagem. Oralidade.

ABSTRACT: This article is about marks of enunciation on written text whose readers are kids. It aims to identify marks of enunciation present in scientific divulgation texts for infant's readers through mechanisms of "shifting in" and "shifting out actantial". For that reason, it will be analyzed the mechanisms of "shifting in" and "shifting out actantial" which are installed in the statement producing effects of meaning and closeness among the interlocutors. Therefore, this work is anchored in ideas of researchers as Greimas and Courtés (1979), Benveniste (1998), Fiorin (2016), and Hilgert (2011). The results indicate that the enunciative marks and the linguistic expressions, typical of orality, intentionally used by the enunciator intend to persuade its enunciatee and to bring the interlocutors together as if they were in a face-to-face interaction.

Key-words: Enunciation. Shifting out. Shifting in. Orality.

¹ ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2083-9236>.

² Mestranda em Letras/Linguística – Linha de pesquisa Texto e Discurso. Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal. Bolsista FAPEMA.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3270-6353>.

Introdução

Ao tomar a palavra para estabelecer a comunicação, o locutor põe a língua em funcionamento em um ato individual de utilização, e nesse ato acontece a enunciação. Assim, para Benveniste (1991), a enunciação é a atividade linguística de quem fala no momento em que fala e, por isso, é possível encontrar nos enunciados marcas linguísticas que identificam o locutor, tendo em vista que é no ato enunciativo que se constitui a subjetividade. Com isso, as marcas da enunciação deixadas nos enunciados podem fazer um processo de reconstrução no ato enunciativo. Nesse sentido, as marcas da enunciação estão presentes nos enunciados e podem ser identificadas por meio dos mecanismos de enunciação, embreagem e debreagem, bem como por recursos linguísticos típicos da oralidade.

Para Greimas e Courtés (1979), a embreagem e debreagem são os mecanismos responsáveis pela instauração da pessoa, espaço e tempo no enunciado e produzem um efeito de sentido e proximidade entre os interlocutores. Por isso, os textos de divulgação científica são propícios para a investigação das marcas da enunciação, pois apresentam com nitidez, estruturalmente e linguisticamente, mecanismos que demarcam a presença do locutor e do alocutário.

Na linha dessas considerações, o presente estudo tem como objetivo analisar as marcas da enunciação presentes em textos de divulgação científica destinados ao público infantil, por meio dos mecanismos de embreagem e debreagem actancial. Além disso, visa demonstrar que a oralidade presente nesses textos faz referência a efeitos de sentido que são produzidos por recursos linguísticos na construção do texto trazendo uma nova percepção sobre as marcas deixadas pelo locutor no enunciado.

Para isso, utilizaremos três textos retirados da seção Artigo, das edições 298, 299 e 304 do ano de 2019, da revista *Ciência Hoje das Crianças* (CHC), cujos conteúdos são de temas atuais e relevantes para a sociedade e especialmente para o público a qual é destinada. Nesses textos serão analisados as marcas da enunciação pelo mecanismos de embreagem e debreagem actancial, responsáveis pela produção de efeito de sentido de proximidade entre os interlocutores, tendo em vista as expressões linguísticas próprias da oralidade utilizadas intencionalmente pelo enunciatário.

Como base teórica teremos Greimas e Courtés (1979), Benveniste (1998), Fiorin (2016) e Hilgert (2011) Benveniste (1991) e Fiorin (2016). Assim, na primeira parte do trabalho serão feitas algumas considerações sobre enunciação, além de discutir e conceituar a embreagem e debreagem. Na segunda parte, enfatizaremos a categoria de pessoa. Na parte das análises, buscaremos mostrar as marcas da enunciação, bem como os efeitos de sentido de oralidade produzidos nos textos.

Mecanismos da enunciação

Em meio aos diversos estudos e pesquisas voltados para a linguagem são inúmeras as ramificações dos estudos linguísticos e a enunciação é uma parte desse vasto campo linguístico para ser investigada.

Para Benveniste (1988, p. 80), “a enunciação é essa colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização”. Fiorin (2016, p. 26) diz que “o primeiro sentido de enunciação é o de ato produtor do enunciado”. E “entende-se por enunciado toda grandeza dotada de sentido, pertencente à cadeia falada ou ao texto escrito” (GREIMAS; COURTÉS 1979, p. 148). Nesse sentido, todas as vezes que o locutor tomar uso da palavra para realizar a comunicação, acontece a enunciação e, é a relação do locutor com a língua que definirá os acontecimentos linguísticos na enunciação.

E quanto ao uso da língua no antes e depois da enunciação, Benveniste (1988, p. 82) reitera:

Antes da enunciação, a língua, não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno.

Diante da afirmação do autor, antes de ocorrer o ato enunciativo, a língua é apresentada apenas como uma suposição, uma possibilidade e, somente a partir do momento em que se efetua a enunciação, a língua se torna uma instância do discurso. Dessa forma, na ocasião em que o locutor tomar a palavra e se apropriar da língua para realização da enunciação, ele insere o outro no discurso.

Para Greimas e Courtés (1979, p. 145), são duas as formas de definição da enunciação. A primeira se refere ao referencial, estrutura não-linguística, que

subtende à comunicação linguística, cujo conceito de enunciação, tende à aproximação do ato de linguagem sempre considerado na sua singularidade.

A segunda definição, como uma instância linguística, logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado “a enunciação é concebida como um componente autônomo da teoria da linguagem, como uma instância que possibilita a passagem entre a competência e a performance” (GREIMAS; COURTÉS 1979, p. 146). Diante dessas afirmações, é possível dizer que a enunciação está intrinsecamente ligada ao sujeito e ao usá-la, a subjetividade é manifestada.

Para esclarecer a forma em que a enunciação é compreendida, são elencadas duas instâncias: a instância linguística pressuposta e a instância de instauração do sujeito (instalação de pessoa, espaço e tempo). A primeira instância, pelo percurso gerativo, faz menção à imanência que está ligado ao plano de conteúdo da manifestação, que é a “união de um plano de conteúdo com um ou vários planos de expressão” (FIORIN, 2016, p. 31). E para a eficácia da investigação da imanência, faz-se necessário trabalhar os patamares: fundamental, narrativo e discursivo.

Fiorin (2016, p. 31) postula que “a enunciação é vista como instância de mediação” e ela garante a discursividade da língua permitindo passagem da “competência à performance, das estruturas semióticas virtuais às estruturas realizadas sob forma de discurso”. Junto à essa instância de mediação, estão também, as estruturas semio-narrativas, que conforme Greimas e Courtés (1979, p. 127), são formas que atuam como operações e constituem a competência semiótica do sujeito na enunciação “correspondendo pois, ao que, sem maiores responsabilidades, se poderiam chamar formas – classificatórias e programadoras – da inteligência humana”. Com isso, constata-se que sendo a enunciação a instância constitutiva do enunciado, logo, a enunciação é a instância pressuposta pela existência do enunciado.

A instância linguística pressuposta traz reflexões sobre a enunciação como um processo e sistema. Esse processo enunciativo que é posto no interior do enunciado não é a enunciação, na íntegra, mas é a enunciação enunciada. Sendo assim, conforme Fiorin (2016, p. 31), o texto-objeto seria formado por dois conjuntos: a enunciação enunciada, que são as marcas identificáveis no texto e remetem à

instância da enunciação; e o enunciado, que é a sequência enunciada que não apresenta marcas de enunciação.

A segunda instância, a de instauração do sujeito que se estabelece na instalação de pessoa, espaço e tempo, também interage com a subjetividade defendida por Benveniste (1988), quando diz que a subjetividade é a capacidade de o locutor se propor como sujeito, pois “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito, uma vez que só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade, que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (BENVENISTE, 1988, p. 284).

Dessa forma, encontra-se o fundamento da subjetividade determinante do *status* linguístico da pessoa, esclarecendo que o “eu” só existe em oposição ao “tu”, só se emprega “eu” dirigindo-se a alguém, que por sua vez torna-se o “tu” na elocução. Desse modo, a linguagem só é possível porque o locutor se apresenta como sujeito, e remete-se como “eu” no próprio discurso, que por sua vez, o “eu” pressupõe outra pessoa exterior a mim, que se torna meu “eco”, ao qual “digo tu e que me diz “tu” (BENVENISTE, 1988, p. 161). Dessa maneira, um não se concebe sem o outro, ambos se complementam e ao mesmo tempo se revertem, partindo da oposição do interior e exterior no processo de enunciação.

Partindo da subjetividade presente na instância de instauração do sujeito, a categoria de pessoa é fundamental para que a linguagem se torne discurso. Para Benveniste (1988), a subjetividade fundamenta-se no exercício da língua, pois ela existe pelo fato de o eu enunciar-se. Ao enunciar-se, a pessoa ocupa um determinado espaço e momento, sendo que estes se organizam em torno do sujeito que fala e é tomado por referência. Dessa maneira, o espaço e o tempo da realização do enunciado independem do eu que enuncia. Logo, “o aqui é o espaço do eu e o presente é o tempo em que coincidem o momento do evento descrito e o ato de enunciação que o descreve” (FIORIN, 2016. p. 36). Partindo dos elementos, espaço e tempo, todas as relações espaciais e temporais podem ser organizadas, pois é na enunciação que o sujeito se instaura e nela estão presentes o *ego*, *hic* e *nunc*, explicadas por Fiorin (2016).

A linguagem, ao ser colocada em funcionamento pelo sujeito da enunciação, “constrói o mundo enquanto objeto ao mesmo tempo que se constrói a si mesmo” (GREIMAS; COURTÉS 1979, p. 127), e isso ocorre por meio de uma transitividade

que Greimas chamará de intencionalidade fundante da enunciação, e acrescenta, a enunciação é um enunciado, cuja função predicativa é a intencionalidade e cujo objeto é o enunciado-discurso”. Diante do exposto, considera-se o eu e o tu, actantes da comunicação e são utilizados apenas pelos seres humanos. Nesse raciocínio, para se pensar em linguagem, é necessário olhar além e ter uma visão enunciativa, pois, “enunciar é criar” (FIORIN, 2016, p. 37), e por ter essa capacidade criadora, a enunciação tem o poder de chamar o tu e colocar como pessoa dando-lhe a palavra. Pela enunciação vários mundos podem ser criados, pois ela, de certa forma, tem poder para ordenar.

Desse modo, a subjetividade instaura na enunciação a presença do eu, aqui e agora, em que o homem só existe na língua e pela língua, e a pessoa é o centro da linguagem, e por meio dela é estabelecido espaço e tempo (BENVENISTE 1988). Para isso, a debreagem e embreagem funcionam como os mecanismos de instauração do sujeito no enunciado.

Para Greimas e Courtés (1979, p. 95), a debreagem é definida:

Como a operação pela qual a instância da enunciação disjunge e projeta fora de si, no ato de linguagem e com vistas à manifestação, certos termos ligados à sua estrutura de base, para assim construir os elementos que servem de fundação ao enunciado-discurso.

Diante do exposto, a debreagem ocorre no momento da discursivização, que é o mecanismo fundador da pessoa, espaço e tempo (eu/tu, aqui, agora), que sai da instância enunciativa para compor outros elementos que formam o enunciado. Assim, a debreagem é de fundamental importância na constituição do enunciado, pois ela contribui com a articulação da enunciação. A “enunciação é a instância da pessoa, espaço e tempo” (FIORIN, 2016. p. 37), logo, a debreagem será actancial, espacial e temporal, levando em consideração que o eu/tu, aqui e agora, presentes no enunciado são pressupostos à pessoa, espaço e tempo.

A debreagem é dividida em dois tipos: a enunciativa e a enunciva. Conforme Greimas e Courtés (1979, p. 96), a partir do sujeito da enunciação, implícito, porém, produtor do enunciado, pode-se projetar no momento do ato da linguagem ou dos simulacros no interior do discurso, a instalação do discurso tanto os actantes da enunciação, quanto actantes do enunciado. Nesse sentido, a debreagem enunciativa é caracterizada pela presença dos actantes (eu/tu), espaço (aqui) e tempo (agora) no

texto (actantes da enunciação) e a debreagem enunciativa opera-se nos actantes do enunciado. De acordo com o tipo de debreagem usado no enunciado, serão distinguidas duas formas discursivas ou dois tipos de unidades discursivas: a formas da enunciação enunciada e o enunciado, enunciado.

Segundo Fiorin (2016, p. 38), a “debreagem enunciativa é aquela em que se instauram no enunciado os actantes do enunciado (ele) os espaços dos enunciados (algures) e o tempo do enunciado (então)”. Nesse sentido, nesse tipo de debreagem, ele, algures e então, são inseridos no texto, e os actantes, espaço e tempo passam a fazer parte não mais da enunciação, mas do próprio enunciado.

Tanto a debreagem enunciativa quanto a enunciativa geram efeitos de sentido: o de subjetividade e de objetividade (FIORIN 2016, p. 39). Desse modo, o efeito de sentido da subjetividade é caracterizado pela instalação dos simulacros enunciativos (*ego, hic, nunc*) e as análises dos fatos. Quanto ao efeito de sentido da objetividade, é manifestada pela eliminação das marcas de enunciação, da enunciação enunciada, construindo o discurso apenas com o enunciado, enunciado, dando a entender que o texto é narrado por si próprio.

Com isso, é preciso levar em consideração a debreagem interna. Nesse caso, trata-se de um eu “já debreado, seja ele da enunciação ou do enunciado, se torna uma instância enunciativa, que opera, portanto, uma segunda debreagem, que pode ser enunciativa ou enunciativa” (FIORIN, 2016, p. 39). Por exemplo, em um diálogo entre duas irmãs em que a mais velha, Leleka, não gostava da irmã caçula, Licinha, por ter síndrome de down. Leleka dizia: “Eu odiava ter uma irmã assim. Ela era tão carinhosa que eu sentia até vergonha de falar isso. ‘Não, ninguém sabe, mas é Leleka, seu nome, que só eu chamo’. Falava, como se eu tivesse ao seu lado. Eu briguei, não queria ser irmã da doida”.

O exemplo citado é de debreagem interna de segundo grau, que conforme Fiorin (2016, p. 39), acontece quando “há mais de uma instância de tomada da palavra”, o autor acrescenta ainda, que “a debreagem interna, serve em geral, para criar um efeito de sentido e realidade, pois parece que a própria personagem é quem toma a palavra, e assim, parece ser exatamente o que ela disse”. Dessa forma, se constitui uma debreagem interna, ocorrendo mais de uma instância de tomada de palavra dentro do texto, obedecendo uma hierarquia, de forma que o *eu* narrador,

passa a palavra ao interlocutor. Assim, cada vez que uma voz já debreada der espaço para outra voz dentro do enunciado, seja primeira, segunda ou terceira voz, acontecerá uma debreagem, enunciativa ou enunciva.

Outro mecanismo de instauração do sujeito no enunciado é a embreagem, que segundo Greimas e Courtés (1979, p. 140), “é o efeito de retorno à enunciação, produzido pela suspensão da oposição entre certos termos da categoria da pessoa e/ou do espaço e/ou do tempo, bem como pela denegação da instância do enunciado”. Assim como a debreagem, temos a embreagem actancial, espacial e temporal. A embreagem actancial se refere “à neutralização da categoria de pessoa” (FIORIN 2016, p. 41) e acontece com o uso de uma pessoa tendo o valor de outra no discurso.

Um exemplo de embreagem actancial: um professor no horário do intervalo foi lanchar com os alunos, e durante o lanche ele falou para os alunos: “O professor está dizendo que o café está bom, e o bolo também”. O enunciado apresenta uma embreagem actancial enunciativa, pois há uma neutralização da pessoa “professor - eu” que fala, e pronuncia como “ele – o professor está dizendo”. Outro exemplo é quando a mãe fala para o filho: “A mãe já falou para você não fazer isso”. Os enunciados apresentam debreagem enunciativa porque há um “ele”, que significa “eu” evocando uma debreagem enunciativa, pois conforme Fiorin (2016, p. 41), “toda embreagem pressupõe uma debreagem interior”. Nesse sentido, os dois exemplos são de embreagem actancial, pois é usada uma pessoa com o valor de outra. Assim, da mesma forma que na embreagem actancial ocorre a neutralização da pessoa, a espacial diz respeito a neutralização da categoria de espaço, bem como a embreagem temporal ocorrerá a neutralização do tempo.

Diante disso, esses mecanismos, debreagem e embreagem, produzem efeitos de sentido no discurso e o narrador pode projetar-se ou distanciar-se do enunciado e “simular uma concomitância dos fatos narrados com o momento da enunciação ou apresentá-los como anteriores ou posteriores a ele; presentificar o pretérito; enunciar um eu sob a forma de um ele” (FIORIN, 2016, p. 47). Nessa perspectiva, afirma-se que os efeitos de sentido produzidos no discurso pelos mecanismos da enunciação dão ênfase ao enunciado, distinguindo a pessoa, espaço e tempo no ato enunciativo e são categorias carregadas de complexidade, reafirmando que a pessoa, espaço e tempo são categorias que transformam a língua

no ato do discurso. Sendo o eu o ser que enuncia, o tu a pessoa a quem o “eu” se direciona no ato discursivo e o aqui é lugar em que o “eu” se encontra no momento enunciativo.

Vale lembrar, que nas marcas da enunciação presentes no enunciado escrito, expressões linguísticas próprias da oralidade são usadas propositalmente pelo enunciador com o intuito de persuadir o enunciatário. Segundo Hilgert (2011), ao se falar em oralidade em textos escritos, faz-se referência a efeitos de sentido de oralidade que são produzidos pelo uso de certos recursos de linguagem na construção do texto. Nesse sentido, esses recursos linguísticos, assim com a debreagem e a embreagem, agem no enunciado produzindo efeito de sentido.

Nesse raciocínio, os elementos linguísticos de pessoa, espaço e tempo são os dêiticos que são interpretados como referência na situação da enunciação, e anafóricos, conhecidos como elementos do enunciado enunciado, compreendidos como marcas espaciais e temporais presentes no enunciado e os actantes do enunciado mencionados anteriormente. Embora apresentados os elementos linguísticos de pessoa, espaço e tempo, aqui nos deteremos somente à categoria de pessoa.

Categoria de pessoa

A categoria de pessoa é fundamental para o processo enunciativo, pois o espaço e o tempo na enunciação dependem do eu que enuncia. Para Benveniste (1991, p. 254), a categoria de pessoa possui a correlação de personalidade, em que “eu e tu” é a *pessoa* e “ele” é a *não-pessoa*, sendo que a primeira que se constitui a partir da segunda é subjetiva, e a segunda é a não subjetiva. Quanto a isso, vale lembrar que é a situação enunciativa que vai explicar o que é pessoa e o que é não pessoa. A situação de enunciado explicará também que a terceira pessoa não será explicitada na situação, e sim, no contexto.

Benveniste (1991, p. 250) postula que “a forma dita de terceira pessoa comporta realmente uma indicação de enunciado sobre alguém ou alguma coisa, mas não referida a uma ‘pessoa’ específica”. Com isso, constata-se que a terceira pessoa assume uma posição especial na conjugação do verbo, mostrando que a primeira, segunda e terceira pessoa não assumem o mesmo papel no discurso, e em outras

línguas, sempre é a terceira pessoa que é empregada quando a primeira e segunda não é apresentada.

Sendo assim, reforça Benveniste (1991, p. 253) que “a terceira pessoa é única pelo qual uma coisa é predicada verbalmente” reafirmando que existem características comuns da primeira e segunda pessoa que as diferenciam da terceira, pois “eu/tu” são únicos enquanto o “ele” pode não ter sujeito e ao mesmo tempo ser uma infinidade de sujeito, bem como o “eu/tu” podem reverter-se na situação enunciativa, enquanto o “ele” não pode ser revertido (FIORIN, 2016, p. 51). E, por isso, a terceira pessoa, por ser única, assume uma posição especial no discurso.

Segundo Fiorin (2016, p. 51), a forma de instituir os atores no discurso é constituída por ações combinadas que se manifestam sintaticamente e semanticamente, e a debreagem e embreagem são os mecanismos sintáticos discursivos que se instalam no enunciado da pessoa, que após tematizada e figurativizada se transforma em ator do discurso.

Nesse sentido, é importante conhecer a pessoa que se instala no discurso, pois pela demarcação desses atores no discurso percebe-se os mecanismos sintáticos discursivos presentes no enunciado, pois como afirma Fiorin (2016, p. 52):

Eu: quem fala, eu é quem diz eu;
 Tu: aquele com quem se fala, aquele a quem o eu diz tu, que por esse fato se torna o interlocutor;
 Ele: substituto pronominal de um grupo nominal, de que tira a referência, actante do enunciado, aquele de que eu e tu falam;
 Nós: não é a multiplicação de objetos idênticos, mas a junção de um eu com um não eu;
 Vós: um vós é o plural de tu (dêitico) e outro é um vós, em que ao tu se juntam ele ou eles;
 Eles: pluralização de ele. (Grifos do autor).

Diante das pessoas “eu, tu, ele, nós, vós, eles” apresentadas pelo autor supracitado, os pronomes pessoais exprimem as pessoas do discurso, demarcando quem, a quem, aquele com quem se fala, referenciando-os no discurso.

No processo enunciativo são apresentados diferentes eixos discursivos do texto obedecendo uma hierarquia na enunciação: o primeiro refere-se ao enunciador e enunciatário que Greimas e Courtés (1979, p. 145) definem como “uma instância linguística logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado” e Hilgert (2011, p. 173) diz que “do trabalho do enunciador de enunciar resulta o enunciado, o

texto, por meio do qual o enunciador se comunica com o enunciatário”. Assim, pode-se entender que na relação entre enunciador e enunciatário, o enunciador é o sujeito da enunciação.

O segundo trata dos actantes da enunciação enunciada “quando o destinador e destinatário do discurso estão explicitamente instalados no enunciado (...) narrador e narratário” (GREIMAS; COURTÉS 1979, p. 294). O terceiro nível da hierarquia enunciativa, ainda sob a definição de Greimas e Courtés (1979, p. 239), instala-se quando o enunciado é reproduzido no interior do discurso, quando o narrador passa a voz (debreagem interna) sob forma de diálogo para um actante do enunciado, funcionando como simulacro no interior do discurso, pressupõe os dois actantes da enunciação, destinador e destinatário, que são então denominados conjuntamente interlocutores, ou, separadamente, interlocutor/interlocutário.

Fiorin (2016, p. 63) enfatiza na pessoa transformada o discurso reportado que “é a citação pelo narrador do discurso de outrem e não apenas de palavras ou sintagmas, é a inclusão de uma enunciação em outra”. Com isso, se há a ocorrência de um discurso em outro, há a ocorrência de dois discursos, o de quem cita e o discurso de quem é citado, de maneira que esses, podem pertencer ou não à mesma situação enunciativa, e isso irá determinar os dois diferentes tipos de discurso reportado.

A pessoa transformada é fundamentada no funcionamento nos discursos direto, indireto e indireto livre, bem como no uso das mais variadas formas de efeito de sentido que são produzidos por eles. O discurso direto, segundo Fiorin (2016, p. 63), é definido por meio da debreagem:

O **discurso direto** é resultado de uma debreagem interna (em geral de segundo grau), em que o narrador delega voz a um actante do enunciado. [...] O discurso direto é um simulacro da enunciação construído por intermédio do discurso do narrador. Como ele apresenta duas instâncias enunciativas, dois sistemas enunciativos autônomos, cada uma conserva seu eu e tu, suas referências dêiticas, as marcas da subjetividade próprias (Grifos do autor).

Nesse sentido, o discurso direto transmite a ideia de distanciamento entre narrador e narratário e ao mesmo tempo dá a ideia de autenticidade pelo fato de reproduzir fielmente as palavras do narratário. Para Maingueneau (2005), o discurso

direto se dá pela dissociação clara entre duas situações na enunciação: o discurso citante e o discurso citado.

O discurso indireto “não é uma debreagem interna, o que significa que o discurso citado está subordinado à enunciação do discurso citante” (FIORIN, 2016, p. 65). E o discurso indireto livre, segundo Fiorin (2016), não é um fenômeno que concerne à frase, mas ao discurso, pois se dá por meio do contexto e pela combinação entre debreagem e embreagem no ato da delegação da palavra do narrador para o interlocutor.

Fiorin (2016, p. 63) assegura que esses tipos de discursos são estratégias usadas para fazer citações e que nenhuma delas provém de outras, “não há um modo de citar original, de que os outros seriam derivações”, que nem mesmo o discurso indireto livre é uma derivação, mas é “uma inter-relação completamente nova entre o discurso narrativo e o discurso citado” (BAKHTIN 2006, p. 162). E isso confirma que o discurso indireto livre não tem origem no discurso indireto, conforme comumente se pensa.

Procedimentos metodológicos

O *corpus* da pesquisa foi retirado da revista Ciência Hoje das Crianças (CHC), cujos textos são de divulgação científica. A revista Ciência Hoje das Crianças é elaborada pelo Instituto Ciência Hoje, com o intuito de despertar a curiosidade das crianças e proporcionar o aprendizado de forma criativa, mostrando que a ciência está presente no dia-a-dia e que ela pode ser ensinada de forma divertida. Vale ressaltar, que a Ciência Hoje das Crianças foi a primeira revista brasileira a escrever sobre ciência para as crianças, e por se tornar uma revista renomada e divulgada passou a ser distribuídas para as escolas públicas do Brasil.

O Texto de Divulgação Científica vem difundindo-se por diferentes meios de comunicação e é bastante utilizado no meio acadêmico, cuja finalidade é divulgar o conhecimento científico e popularizar a ciência, transmitindo valores relevantes para a população, principalmente, para o público o qual os textos forem destinados. Para Authier-Revuz (1982, p. 34), a divulgação científica é considerado como uma atividade que difunde, conhecimentos científicos em direção ao exterior, mas que já foram produzidos e que está circulando no interior de um grupo mais restrito. O texto de

divulgação científica é feito baseado em um outro texto científico, cuja disseminação é feita primeiramente por um grupo de especialistas que já conhecem os textos e as relações estruturais, intertextuais e metalinguísticos que compõem o texto (HILGERT 2011, p. 174). Esse tipo de texto pressupõe que a primeira versão do texto seja inacessível ao público infantil, que é formado por leitores que ainda não tem a compreensão nem o domínio necessário dos recursos linguísticos utilizada no texto matriz.

Diante disso, os textos que serão analisados foram retirados das versões online da revista Ciência Hoje das Crianças, seção Artigo, das edições 298, 299 e 304 do ano de 2019. O texto 1 intitulado “Uma partida genial”, compara os jogadores de uma partida de futebol com um grupo de cientistas fazendo uma alusão aos estudos científicos. O texto 2 “E-lixo. O que é isso?” faz um questionamento sobre o que é feito com o lixo eletrônico. O texto 3, cujo título é “Restauração é vida de volta” aborda questões ambientais, especificamente, sobre degradação e restauração da natureza. Assim, serão analisadas as marcas da enunciação a partir da debreagem e embreagem actancial tendo em vista expressões linguísticas que geram efeitos de sentido de oralidade produzidos nos textos.

Análises dos textos de divulgação científica destinados ao público infantil

Os textos selecionados para a análise tratam de assuntos variados, atuais e relevantes para a sociedade e para o público infantil. Nos textos perceberemos a busca de uma aproximação entre o enunciador e enunciatário, deixando visível as marcas da enunciação. Nesse sentido, passaremos para a análise do primeiro texto.

Quadro 1 - Uma partida genial

1	Imagine se fosse possível formar uma super-equipe de futebol com os
2	melhores jogadores de todos os tempos. Marta, Pelé, Messi... Competir com
3	essa turma de craques não deve ser uma tarefa fácil!
4	Mas onde conseguir adversários para esse time de craques? Bem,
5	precisa ser galera que goste de desafios. Quem melhor para solucionar
6	problemas complexos do que os cientistas? Galileu, Bernoulli, Marie Curie...
7	Boa! Solte a imaginação para conferir essa partida!
8	Antes de começar a contar sobre o maior jogo de futebol de todos os
9	tempos, temos que mencionar os treinos mais malucos da história. Tudo
10	começou quando, depois de tantas experiências malsucedidas, Galileu
11	decidiu levar um quadro, desses de escola, para o campo:
12	

13	– Nós não vamos aprender a jogar como essas feras do futebol em tão
14	pouco tempo. Mas também somos craques, só que nas leis da natureza.
15	Vamos usar essa nossa qualidade para driblar as dificuldades, colocando a
16	ciência no jogo!
17	Os demais cientistas ficaram animados e, rapidamente, começaram a
18	estudar para superar os craques da bola. O pontapé inicial da discussão foi
19	dado por Marie Curie, quando ela percebeu que o elemento mais importante
20	de um jogo de futebol não são os jogadores:
21	– A bola, gente, temos que usar nossas teorias para fazer a bola entrar no
22	gol! As pessoas podem até ser responsáveis pelos passes, porém é a bola quem altera o placar.

Fonte: Ciência Hoje das Crianças, Seção Artigo, Edição 298 (2019)

O texto em questão, inicia com uma debreagem enunciativa por meio do “tu” elíptico na presença do verbo “imagine”, linha 1, em que o narrador projeta tanto o narratário quanto a si mesmo no enunciado. Pode-se notar que o verbo “imagine” aparece na forma verbal do imperativo, que pressupõe uma intimação, que para Benveniste (1989, p. 86), são “ordens, apelos concebidos em categorias como o imperativo, o vocativo, que implicam uma relação viva e imediata do enunciador ao outro numa referência necessária ao tempo da enunciação”. Nesse sentido, os verbos também podem demarcar a presença do “tu” no enunciado, mesmo que esse “tu” esteja implícito.

Na sequência do texto, há a presença do discurso reportado, ou seja, a presença de uma enunciação em outra, que segundo Fiorin (2016, p. 63), “há um discurso citante e outro citado”. Percebe-se esse discurso no quarto e sexto parágrafos, nas linhas 09 e 10, “Tudo começou quando, depois de tantas experiências malsucedidas, Galileu decidiu levar um quadro, desses de escola, para o campo:”, na linha 12 e 13, “– Nós não vamos aprender a jogar como esses feras do futebol em tão pouco tempo”, linhas 16 e 17, “O pontapé inicial da discussão foi dado por Marie Curie, quando ela percebeu que o elemento mais importante de um jogo de futebol não são os jogadores:” e na linha 19, “– A bola, gente, temos que usar nossas teorias para fazer a bola entrar no gol!”.

Nos trechos citados nota-se o discurso direto, que na maioria dos casos, cria-se um efeito de sentido real, com a sensação de que o narrador apenas repete o que diz o interlocutor, que resulta em uma debreagem interna. Assim, os trechos apresentam debreagem interna de segundo grau que é notada por meio da delegação da voz do locutor no enunciado. Essa debreagem de segundo grau vem demarcada

com o uso dos dois pontos (:) que finaliza o discurso citante, e do travessão (—), que inicia o discurso citado. Assim, tanto os dois pontos (:), quanto o travessão (—) são usados para marcar as “fronteiras entre as duas situações de enunciação distintas” (FIORIN 2016, p. 63) e funcionam como marcadores de enunciação no discurso direto.

Podemos observar ainda marcas de oralidade na linha 14, “driblar as dificuldades”, usado no sentido figurado na fala demarcada pelo primeiro travessão, e na linha 19, “A bola, gente”, usada o início do enunciado marcada pelo segundo travessão causando um efeito de sentido de chamada de atenção para o próprio objeto, a bola. Nesse sentido, é comum a presença desses recursos linguísticos em textos de divulgação científica, pois, sem fugir da linguagem própria, utilizada para o público infantil, causam proximidade entre enunciador e enunciatário. Desse modo, prosseguiremos com a análise do segundo texto.

Quadro 2 - E-lixo. o que é isso?

1	Já percebeu que alguns equipamentos eletrônicos, depois de um tempo
2	de uso – ploft! – não funcionam mais? O que você e sua família fazem com
3	computadores, celulares, tablets, micro-ondas, televisão e outros aparelhos
4	que enguiçam? Jogam no lixo? Hummm... será essa a melhor opção? Com
5	certeza, não. Descartando de maneira incorreta o ‘e-lixo’, como ficou
6	conhecido o lixo eletrônico, contribuímos com a poluição do planeta. Mas a
7	verdade é que alguns desses equipamentos já saem das lojas com um tempo
8	de vida determinado. Assim, o consumidor logo compra outro mais moderno,
9	e não sabe mesmo o que fazer com o anterior. Mas será que as coisas
10	precisam ser assim? (...) No mundo todo, estima-se que são produzidas 50
11	milhões de toneladas de e-lixo por ano. Os pesquisadores já apontam que,
12	até o ano de 2050, o nível de produção desse tipo de resíduo alcançará 120
13	milhões de toneladas por ano. É muito <i>e-lixo</i> , gente!

Fonte: Ciência Hoje das Crianças, Seção Artigo, Edição 299 (2019)

A relação “eu/tu” no texto, já inicia com o título “E-lixo. O que é isso?” por meio da interrogação feita pelo narrador direcionada ao narratário, caso que ocorrerá no decorrer do texto com mais frases interrogativas.

Assim como no título, o parágrafo se inicia com a interrogação, linha 1, “Já percebeu que alguns equipamentos eletrônicos, depois de um tempo de uso – ploft! – não funcionam mais?”. Nota-se que em “Já percebeu” que dá início ao parágrafo pressupõe um “você” pela conjugação do verbo. Em seguida, outra interrogação é lançada ao narratário, linhas 2 e 3, “O que você e sua família fazem com

computadores, celulares, tablets, micro-ondas, televisão e outros aparelhos que enguizam?”. Nessa interrogação, ao contrário da anterior, aparece “você”.

Com isso, observa-se a subjetividade, que por mais que o locutor pareça estar implícito, ele se expõe no enunciado pela forma verbal, no primeiro caso, e no segundo caso, pela colocação do “você/tu”, pois afirma Benveniste (1989, p. 84) que “o locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios de outro”. Nesse sentido, o “eu” implícito presente no texto tornou-se perceptível por meio dos procedimentos acessórios usados para fazer ser notado a presença do narrador.

As marcas de oralidade também são notáveis no texto por meio dos recursos linguísticos, “ploft”, linha 1, “hummm”, linha 2 e “É muito *e-lixo*, gente!”, linha 12, expressões usadas intencionalmente pelo locutor como estratégia para persuadir o interlocutor, por meio de uma linguagem mais aproximada da realidade do público destinado. A seguir a análise do terceiro texto.

Quadro 3 - Restauração é vida de volta!

1	Um ambiente que, no passado, dizem os mais antigos, estava cheio de
2	plantas e bichos, hoje tem poucas árvores e quase nenhum animal à vista...
3	Opa! Estamos diante de uma área danificada, que parece não ter mais como
4	se recuperar. Será mesmo que tudo está perdido?
5	“No passado era diferente, com rio correndo aqui, muitas árvores, eu
6	brincava com meus amigos e pegava manga no pé!”, disse sua avó. Mas,
7	hoje o mesmo local é uma área degradada, ambientalmente falando, um local
8	que não tem capacidade de se regenerar naturalmente para voltar a ser como
9	era antes. Mas como foi que isso aconteceu?
10	A degradação da natureza é resultado de atividades humanas
11	desordenadas e intensas – como ocupações indevidas, práticas de cultivo e
12	de criação de animais sem cuidado e em excesso, incluindo queimadas e
13	desmatamento.
14	Mas (boa notícia!) nem tudo está perdido. Muitos pesquisadores
15	trabalham para restaurar essas áreas. O termo é esse mesmo! Restaurar é
16	tornar o ambiente o mais próximo possível da sua condição natural. Essa
17	medida é muito importante para a conservação dos ecossistemas. Você sabe
18	o que são ecossistemas?

Fonte. Ciência Hoje das Crianças, Seção Artigo, Edição 304 (2019)

No texto apresentado, é perceptível que a linguagem utilizada é voltada para público infantil que ainda não consegue compreender o sentido do texto sem recursos linguísticos introduzidos no mundo das crianças, pois as estruturas utilizadas em outros textos científicos, cuja linguagem é rebuscada visando outro público, ainda não

pertencem ao campo semântico produzido pelo enunciatário. Por esse motivo, o enunciador utiliza palavras conhecidas e sintaticamente organizadas de forma simples e pertencentes à forma de falar do cotidiano, fazendo uso do sentido figurado, a fim de produzir efeitos de sentidos condizentes com a realidade do enunciatário. Segundo Hilgert (2011, p. 174), “quem determina essa caracterização do texto não é propriamente o enunciador, mas sim o enunciatário”. Com base nisso, o autor acrescenta ainda que o enunciatário também se torna um enunciador, o que se constata que o enunciatário é co-enunciador.

O texto em análise apresenta logo no primeiro parágrafo, na linha 2, uma marca própria da oralidade “Opa!”, expressão de natureza de texto falado, transmitindo uma impressão de conversa face a face. O termo utilizado atua como uma pausa para chamar a atenção do enunciatário para o enunciado posterior. Na mesma linha, a forma verbal “estamos” refere-se a um nós implícito, pois segundo Fiorin (2016), o “nós” não é a multiplicação de objetos idênticos, mas é a junção e um eu com um não eu. O parágrafo finaliza com uma interrogação, linha 3 e 4 “Será mesmo que tudo está perdido?”. As frases interrogativas ocorrem também na linha 8 e 9, finalizando o segundo parágrafo, “Mas como foi que isso aconteceu?”, e na linha 15 encerrando o quarto parágrafo “Você sabe o que são ecossistemas?”.

Para Benveniste (1989, p. 86), a interrogação é uma “enunciação construída para suscitar uma ‘resposta’, por um processo linguístico que é, ao mesmo tempo um processo de comportamento com dupla entrada” na tentativa de criar um efeito de proximidade entre narrador (eu) e narratário (tu).

O segundo parágrafo inicia com uma marca encontrada na pessoa transformada, que segundo Fiorin (2016), ocorre com a deportação do discurso, em outras palavras, o discurso reportado é a citação feita pelo narrador do discurso de outrem. Nesse caso, há uma debreagem interna de segundo grau presente no texto demarcando a fala da avó, linhas 5 e 6, “No passado era diferente, com rio correndo aqui, muitas árvores, eu brincava com meus amigos e pegava manga no pé!”, (a fala da avó). Para Greimas e Courtés (1979) a debreagem interna de segundo grau ocorre quando um narrador delega a voz para um actante do enunciado. Observa-se no trecho que aparece entre aspas o discurso direto, marcando o distanciamento entre as duas situações enunciativas diferentes. Esse discurso apresenta as instâncias

enunciativas do narrador e do interlocutor, e por isso, cada uma dessas instâncias conserva o “eu” e o “tu” no enunciado, e isso se confirma com a presença do “eu”, que aparece explícito no trecho em questão.

No quarto e último parágrafo, mais uma vez, encontramos no texto uma marca de oralidade, linha 13, “Mas (boa notícia!) nem tudo está perdido”. Essas marcas orais, além de criar um efeito de proximidade, também remete a sensação que narrador e narratário conversam pessoalmente.

Por fim, as marcas enunciativas encontradas nos textos analisados se apresentam de diversas formas e todas elas buscam aproximar os interlocutores e tornar compreensível o enunciado.

Considerações finais

Conforme pudemos constatar, é nítida a presença das marcas da enunciação e da subjetividade na escrita, e essa subjetividade presente nos textos escritos, mostram o quanto o locutor se apresenta implicitamente ou explicitamente no ato da escrita. Nisso, os mecanismos de embreagem e debreagem actancial, tornam-se responsáveis pela produção de efeito de sentido, bem como da proximidade entre os interlocutores.

Não há escrita sem que nela não tenha as impressões de quem escreve, se elas não aparecem visivelmente grafadas, aparecerão semanticamente, ideologicamente ou linguisticamente demarcada por recursos da linguagem que remetem à presença do “eu/tu” inserido no enunciado. A subjetividade é própria do homem, está presente nas mais diversas formas de manifestação e expressão da linguagem, não há como negar que o homem carrega em si traços subjetivos. E, nesse sentido, a enunciação só acontece porque há um “eu” que se dirige a um “tu”, um “eu” que fala e um “tu” que escuta. Essa relação entre “eu/tu” pudemos constatar na categoria de pessoa que nitidamente ocupa um papel essencial na manifestação dessa tão importante subjetividade.

Sendo assim, propomos identificar as marcas de enunciação presentes em textos de divulgação científica destinados ao público infantil, por meio dos mecanismos de embreagem e debreagem actancial, que geram a produção de efeitos de sentido e dos recursos linguísticos que caracterizam a oralidade. Essa proposta foi

comprovada com as análises dos textos que demonstrou a forma que acontece essa produção de sentido e proximidade entre os interlocutores nos usos das marcas de oralidade, das interrogações, no uso das aspas, actantes “eu/tu”, no uso dos verbos, da debreagem enunciativa, no uso dos dois pontos e do travessão.

No bojo da discussão, verificou-se que os mecanismos responsáveis pela instauração da subjetividade nos textos utilizados como *corpus* da pesquisa, além das marcas enunciativas, carregam marcas de oralidade, pois mesmo sendo escritos, muitas partes dos textos apresentam características próprias da linguagem oral.

Referências

- ARTIGO. *In*: Revista Ciência Hoje das Crianças. Disponível em: <www.chc.org.br>. Acesso em 22 de dezembro 2019.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Dialogismo e divulgação científica**. *Lingue Française*, 1982, 53: p. 34 - 47.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Michel Lahud Et. AL. 12ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BENVENISTE, E. **Estrutura das relações de pessoa no verbo**. *In*: **Problemas de Linguística Geral I**. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1991.p. 247-259.
- _____. **Da subjetividade na linguagem**. *In*: **Problemas de Linguística Geral I**. 2 ed. da Unicamp;: Pontes, São Paulo, 1988. p. 284 -293
- _____. **O aparelho formal da enunciação**. *In*: **Problemas de Linguística Geral II**. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1989. cap. 5. p. 81-92.
- FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação**. São Paulo: Ática, 2016.
- GREIMAS, A. J; COURTÈS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.
- HILGERT, José Gaston. A oralidade em textos escritos: reflexões à luz de uma teoria de texto. **Calidoscópico**, São Leopoldo, Vol. 9, n. 3, p. 171 - 179, set/dez. 2011.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise dos Textos de Comunicação**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

Recebido em 25 de agosto de 2020
Aprovado em 14 de outubro de 2020